

Traduzindo Leopardi

ECLÉA BOSI

O SÁBADO DA ALDEIA

Giacomo Leopardi

(trad. Ecléa Bosi)

Vem chegando do campo a donzelinha,
Quando se põe o sol,
Com seu feixe de erva e traz na mão
Um maço de rosas e violetas
E com elas enfeita
Amanhã, dia de festa,
Os cabelos e o seio.
Das vizinhas ao meio,
Sobre a escada a fiar, uma velhinha,
Naquele ponto onde se perde o dia;
E recordando vai do seu bom tempo
Quando em dias de festa se adornava
E ainda fresca e esbelta
Costumava dançar entre os que foram
Seus companheiros da idade mais bela.
Já todo o ar se embruma,
Volta azul o sereno e as sombras voltam
Das colinas e tetos,
Ao branquejar da recém-vinda lua.
O sino denuncia
Que vem chegando a festa
E àquele som dirias
Que o coração conforta.
Os meninos gritando
Na pracinha em tropel
Daqui e dali saltando
Fazem grato rumor:
No entanto volta à sua parca mesa
Assobiando, o lavrador,
Pensando vai no dia do repouso.

E quando em volta toda luz se apaga
E tudo o mais se cala,
Ouve o martelo dar, e ouve a serra;
O carpinteiro vela
Da oficina fechada à lamparina
E se apressa e se esforça
Por terminar a obra antes da aurora.

Este dos sete é o mais amável dia
De esperança e alegria;
Amanhã, tristeza e tédio
Trarão as horas e ao mesmo trabalho
Cada um voltará seu pensamento.

Rapazinho travesso,
Esta idade florida
É como um dia de alegria pleno,
Dia claro, sereno,
Que prenuncia a festa de tua vida.
Goza, menino meu; estado suave,
Leda estação é esta.
Nada mais te direi; mas a tua festa
Não te pese ao chegar mesmo que tarde.

Comentário

Dedico esta versão a José Paulo Paes, tradutor de Leopardi.

Aplicando reflexões do mesmo Leopardi, sobre perdas e ganhos, vejamos o que se salvou na tradução.

“Il sabato del villaggio” descreve um quadro de costumes da época: profissões, personagens, o cenário das ruas e praças, o mundo do lazer e do trabalho no tempo de Leopardi. A cidade – suponho que seja Recanati – se torna compreensível para nós. Sobretudo, torna-se visível tanto no original como, espero, na tradução.

Quanto movimento nas oposições!

A tradução conserva elementos pictóricos do texto: a moça que vem do campo carregando um feixe de ervas e um pequeno maço de flores, trazendo em seus braços os dois emblemas, o do trabalho e o da festa. Eis o primeiro contraste.



Giacomo Leopardi (1798-1837).

Vem em seguida a diferença entre o passado e o presente, entre o velho e o moço. A velha recorda enquanto a jovem se prepara para a festa.

É a mocinha, a *donzelletta*, que abre a cena e desencadeia com seus passos, em direção ao centro, o clima da festa. E Leopardi, estilista sóbrio, repete cinco vezes a palavra *festa* nesta poesia breve, assinalando o contraste entre o trabalho e a diversão.

A velha fia junto às vizinhas, postada no mais alto degrau da calçada, naquele ponto onde se perde o dia. E elas conversam sobre antigas festas enquanto a noite chega justamente atrás da anciã.

As sombras vão caindo ao clarear da recém-vinda lua.

Anoiteceu, e o lavrador volta assobiando para a sua ceia modesta, mas o artesão, encerrado na oficina, vai passar a noite trabalhando, pois tem urgência de acabar a obra. Encerrado, enquanto todos saem para a praça e vão participar da festa. Talvez o artesão seja o próprio Leopardi que observa solitário, como nos confessa em *La sera del dì di festa, Vaghe stelle dell'Orsa...*

Mas ele sente o contraste entre o sábado e os outros dias da semana: “Este dos sete é o mais amável dia”.

Contraste dentro do próprio sábado: é o dia da festa e a véspera do fim. O italiano de Leopardi assume a musicalidade grave do entardecer. Como traduzir as arcadas de violoncelo dos últimos versos? Impossível. Mas alguma coisa se salvou daqui e dali. Algumas rimas continuaram, de algum modo, para compensar a música interna leopardiana.

Há momentos na tradução que talvez fiquem na lembrança do leitor: *E quando em volta toda luz se apaga – E tudo o mais se cala – Ouve o martelo dar, e ouve a serra...*

O português é suave e brando, língua propícia a descrever estados da natureza ou da alma com gradações que vão delicadamente se transformando. O italiano é mais incisivo, especialmente o leopordiano, guardando melhor a concisão latina.

O poeta elegeu duas personagens para abrir e fechar o poema: a mocinha do início e o menino travesso do final, o *garzoncello scherzoso*, que ele destaca do grupo de brincalhões. Chama a atenção para o contraste entre o *stato soave*, a *stagion lieta* e a vida adulta. E termina com uma prece votiva pelo futuro do menino:

*Godi, fanciullo meo, stato soave,
Stagion lieta è cotesta.
Altro dirti non vo'; ma la tua festa
Ch'anco tardi a venir non ti sia grave.*

Certas traduções parecem recobrir um móvel estupendo com tecido rústico. Esse tecido vai-se rompendo com o tempo, se esgarçando e, pelos rasgos da memória, aparece o original, estofô precioso. Em versos de Leopardi inequívoco transparece o latim originário.

Com o passar dos anos o tradutor esquece a sua versão, mas os versos originais ardem como fogo em sua memória e se repropõem enquanto ele viver.

RESUMO – O texto apresenta a versão de “Il sabato del villaggio” de Giacomo Leopardi e alguns comentários sobre aspectos semânticos e estilísticos do poema.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura italiana, Giacomo Leopardi, Tradução, Teoria literária.

ABSTRACT – The essay presents a version of Giacomo Leopardi’s “Il sabato del villaggio” and some comments on the semantic and stylistic aspects of the poem.

KEYWORDS: Italian literature, Giacomo Leopardi, Translation, Literary theory.

Ecléa Bosi é professora emérita da Universidade de São Paulo. É autora de *Memória e sociedade* (Companhia das Letras, 2002) e *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social* (Ateliê, 2003). @ – ecbosi@usp.br

Recebido em 11.9.2012 e aceito em 21.9.2012.

IL SABATO DEL VILLAGGIO

La donzelletta vien dalla campagna,
in sul calar del sole,
col suo fascio dell'erba; e reca in mano
un mazzolin di rose e di viole,
onde, siccome suole,
ornare ella si appresta
dimani, al dì di festa, il petto e il crine.
Siede con le vicine
su la scala a filar la vecchierella,
incontro là dove si perde il giorno;
e novellando vien del suo buon tempo,
quando ai dì della festa ella si ornava,
ed ancor sana e snella
solea danzar la sera intra di quei
ch'ebbe compagni dell'età più bella.
Già tutta l'aria imbruna,
torna azzurro il sereno, e tornan l'ombre
giù da' colli e da' tetti,
al biancheggiar della recente luna.
Or la squilla dà segno
della festa che viene;
ed a quel suon diresti
che il cor si riconforta.
I fanciulli gridando
su la piazzuola in frotta,
e qua e là saltando,
fanno un lieto romore:
e intanto riede alla sua parca mensa,
fischiando, il zappatore,
e seco pensa al dì del suo riposo.

Poi quando intorno è spenta ogni altra face,
e tutto l'altro tace,
odi il martel picchiare, odi la sega
del legnaiuol, che veglia
nella chiusa bottega alla lucerna,
e s'affretta, e s'adopra
di fornir l'opra anzi il chiarir dell'alba.

Questo dì sette è il più gradito giorno,
pien di speme e di gioia:
diman tristezza e noia
recheran l'ore, ed al travaglio usato
ciascuno in suo pensier farà ritorno.

Garzoncello scherzoso,
cotesta età fiorita
è come un giorno d'allegrezza pieno,
giorno chiaro, sereno,
che precorre alla festa di tua vita.
Godi, fanciullo mio; stato soave,
stagion lieta è cotesta.
Altro dirti non vo'; ma la tua festa
ch'anco tardi a venir non ti sia grave.

